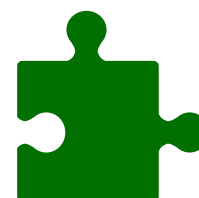


# **XIV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2019**

## **Sustentabilidade, autonomia e resistência da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa**



22 a 24 de outubro de 2019

- Realização** Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCOM) e Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC)
- Promoção** Departamento de Comunicação Social (GCO) e Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC)
- Localização** Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS)  
Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói, Brasil

### **Reflexões sobre a presença de lésbicas na comunicação e cidadania<sup>1</sup>**

Cláudia Regina Lahni<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

#### **Resumo**

Em 2019, comemora-se 50 anos da Revolta de Stonewall – série de manifestações da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros), realizadas em Nova Iorque, nos Estados Unidos, contra a repressão policial e a discriminação vivida pelo grupo. A partir dessas manifestações têm origem as paradas do orgulho LGBT, assim como se tem o fortalecimento da organização dessa minoria social, em países do mundo todo. No Brasil, no dia 23 de junho de 2019, foi realizada a 23ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, com o tema “50 anos de Stonewall” e a participação de cerca de 3 milhões de pessoas. Isso tudo ocorre com atuação numerosa e expressiva das lésbicas, as quais também são lideranças e militantes do movimento feminista e, na sociedade machista e LGBTfóbica, sofrem duplo preconceito – contra mulheres e contra lésbicas. Estudos apontam a persistência da violência física contra as mulheres; quanto à população LGBT, o Brasil está entre os países que mais matam lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros. Essa violência física muitas vezes aparece e é reforçada por essa cultura, o que significa violência simbólica (Lahni e Auad, 2018). Nessa conjuntura e ao considerar a importância da comunicação na sociedade contemporânea, este trabalho traz reflexões sobre a presença de mulheres lésbicas na mídia e cidadania. Fundamenta-se a pesquisa a partir do Direito à Comunicação e da Cidadania

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 2 – Culturas Populares, Identidades e Cidadania da XIV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2019, de 22 a 24 de outubro de 2019, na Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

<sup>2</sup> Professora Associada da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), doutora e mestra em Ciências da Comunicação (USP), com pós-doutorado em Comunicação (UERJ). Lésbica Feminista, é vice-líder do Flores Raras – Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Comunicação e Feminismos (FACED-UFJF-CNPQ). [lahni.cr@gmail.com](mailto:lahni.cr@gmail.com)

Comunicativa, com trabalhos de Maria Cristina Mata (2010), Cicilia Peruzzo (2004) e outras autoras. Este *paper* traz revisão bibliográfica sobre mídia alternativa e mulheres lésbicas, visitando publicações de anais de congressos como Mídia Cidadã e outros. Na análise, tem-se como enfoque as revistas *Brejeiras* e *Alternativa L*, publicações alternativas voltadas para as mulheres lésbicas; a primeira (com página em formato ofício) está em seu ano 2 e é feita no Rio de Janeiro, e a segunda, aqui citada, está em seu ano 5 (tem formato de página meio ofício) e é feita em São Paulo, sendo que ambas – impressas e periódicas – apresentam artigos e reportagens sobre memória do movimento LGBT, atualidade e a importância da visibilidade lésbica. As revistas são impressas, coloridas, e têm espaço em mídias sociais, como blogs, facebook e instagram, especialmente para divulgação; a distribuição de ambas as publicações se dá em bancas, em eventos e para endereços físicos. Entendemos que reflexões sobre gênero, feminismos (Auad, 2003) e mídia alternativa (Cardoso, 2004) podem contribuir para a visibilidade e o exercício do direito à comunicação das lésbicas.

### **Palavras-chave**

Lésbicas; Relações de Gênero; Feminismos; Mídia Alternativa; Direito à Comunicação.

### **Referências bibliográficas**

AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

CARDOSO, Elisabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, vol. 12, setembro-dezembro/2004, p.37-55.

LAHNI, Cláudia Regina; AUAD, Daniela. Feminismos e direito à comunicação: lésbicas, bissexuais e transexuais em série. *Laplage em Revista* (Sorocaba), vol.4, n.1, jan.-abr. 2018, p.92-108.

MATA, Maria Cristina. Os silenciados e a comunicação na América Latina. In: *EcoDebate*. Entrevista Especial com Maria Cristina Mata. Publicada em 18 de fevereiro de 2010 - <https://www.ecodebate.com.br/2010/02/18/os-silenciados-e-a-comunicacao-na-america-latina-entrevista-especial-com-maria-cristina-mata/> - acesso em 14 e 21 de outubro de 2018.

PERUZZO, Cicilia. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (org.). *Comunicação pública*. Campinas: Alínea, 2004, p. 49-79.